

22 de dezembro de 2005
Rosa de liberdade

Lembro-me bem dela, como se fosse hoje. Idos de 1955, interno no austero Ginásio Diocesano de Patos, lia, neste jornal, na sala do diretor, monsenhor Manuel Vieira, uma notícia que jamais poderia esquecer: Rosa Parks, a costureira negra, negando-se a ceder o seu assento, no ônibus, na cidade de Montgomery, no Alabama, a um homem de cor branca, viria transformar aquele gesto de rebeldia num grande instrumento na luta contra o racismo.

O seu comportamento, que fez história, custou-lhe alguns dias de cadeia e uma multa de 14 dólares.

Mas, em bela, digna e justa compensação, acendeu uma luz no fim do túnel da segregação racial.

O seu afirmativo não à intolerância social fez escola e mudou a roda do tempo.

Rosa Parks, com a sua corajosa posição, costurou uma nova e eloqüente estratégia no combate à mancha da discriminação de pele.

Levou a emoção da luta ao meio do povo.

Fê-la, assim, mais popular. Democratizou o sonho de liberdade.

Criou-se - e lembre-se para sempre - uma consciência em defesa dos direitos humanos.

Assim, com a sua atitude, construíram-se as pré-condições para que se fermentasse o sagrado ideal de emancipação da raça negra.

Emerge daí, sem dúvida, a figura emblemática do pastor, à época com 26 anos de idade, com o guerreiro e revolucionário nome de Martin Luther King Jr.

Bíblia à mão, argumentação convincente, coragem cívica à flor da pele, o pregador Luther King, a partir daquele momento, passa a ser o grande vocalizador da consciente ousadia da costureira do Alabama.

Os anais do sistemático e indormido combate à nódoa do apartheid guardam, como relíquia, a determinação do evangelista da paz racial coordenando uma greve de 381 dias, para que nenhum negro usasse transporte público.

Foi exemplar o desdobramento do episódio envolvendo Rosa Parks, com Martin Luther King soltando o verbo na defesa da integração racial.

Como corolário natural, o banimento da segregação, com o Congresso norte-americano aprovando, em 1964, a lei que pôs fim ao labéu da epiderme.

A história fez justiça à costureira que mudou história de uma raça.

Rosa Parks, em 1996, recebeu a medalha Presidencial pela Liberdade e, em 1999, foi condecorada com a Medalha de Ouro do Congresso.

Definitivamente, uma Rosa de liberdade.